

Como éles deturpam a doutrina sindicalista

Antigamente, quando alguém praticava um acto violento, era costumado, principalmente, por parte da imprensa burguesa, dizer-se que se tratava dum atentado anarquista. E não se pensava em distinguir e comparar os actos vulgares do crime comum, com os actos violentos praticados realmente pelos anarquistas.

O plano era exactamente esse: estabelecer a confusão para que os anarquistas fossem apenas considerados bandidos da pior espécie. No entanto, quando aparecia um Ravachol, lançando uma bomba, mas fazendo-o com um intuito social; ou quando Pini defendia o próprio roubo como um direito contra o capitalismo explodador, os actos praticados por esses homens, não lhes aproveitavam a elas, pessoalmente, e eram feitos a favor da propaganda libertária, para quem revertiam os produtos desta expropriação em ponto pequeno. Mas é bom dizer que já então se considerava perigoso para os próprios princípios que se pudesse supor que os anarquistas não passavam de ratoneiros vulgares e sempre se condenou o roubo feito no exclusivo interesse de quem o praticasse.

Tudo isso acabou, sem que continuasse, durante largos anos, a imprensa burguesa a atribuir a anarquistas todos os roubos e crimes, mistérios de que não aparecia logo o seu autor, ou indigitado autor. Hoje, porém, são os sindicalistas que têm de suportar esta caciosa forma de desvirtuar a sua doutrina, que os burgueses empregam contra o sindicalismo. Qualquer acto irregular, praticado por um operário, vem logo como tendo sido praticado por um sindicalista. Um monárquico, um republicano, podem praticar vários crimes, que a imprensa vez nenhuma faz referência à sua fé política. Mas, tratando-se dum operário sindicado, logo vem indicada a sua qualidade de sindicalista.

E não resta dúvida que, em face do seu movimento político, as classes trabalhadoras não podem descurar um só momento.

E' precisamente para o alastrar desse movimento dos nossos adversários por diversas terras do país, que nós queremos chamar a atenção urgente de todos os trabalhadores. Não nos pode ser simpática, nem indiferente a propaganda que, em constantes *tournées*, os homens das "fórcas vivas" andam, afanosamente, fazendo por toda a parte.

Que devemos fazer? — Perguntam-nos alguns organismos e camarações, dessas terras ameaçadas pelo apostulado dos mártires Pereira da Rosa, Carlos de Oliveira e Alfredo Ferreira — essas pobres vítimas da sociedade.

Devem os nossos camaradas, todos os trabalhadores, todos os con-

Os trabalhadores de todo o país devem opôr a mais constante e energica propaganda aos manejos conservadores das fórcas económicas

Todos os dias as tais fórcas económicas mandam dizer, no seu órgão jornalístico, que não têm a pretensão de dominar politicamente, que não são inimigos dos trabalhadores e que não conspiram contra a liberdade.

Verifica-se, porém, que ao mesmo tempo que tal mandam publicar, continuam a organizar-se eleitoralmente, não deixando de fazer a sua intriga no campo militar para ver se conseguem colocar, de vez, o exército ao lado dos exploradores do povo.

Estará o exército resolvido a dar um passo tão grave, como é esse de fazer um movimento das direitas, que é como quem diz um movimento a favor dos ricos, dos especuladores, contra o povo explorado?

Não o sabemos. O que podemos garantir é que a maioria da gente das fórcas económicas, da tal que entende que a polícia e a guarda foram organizadas para manter uma ordem que lhes garanta a impunidade enquanto elas nos arrancam a pele, essa gente veria, com o maior entusiasmo, esse movimento de fórcas.

E não resta dúvida que, em face do seu movimento político, as classes trabalhadoras não podem descurar um só momento.

E' precisamente para o alastrar desse movimento dos nossos adversários por diversas terras do país, que nós queremos chamar a atenção urgente de todos os trabalhadores. Não nos pode ser simpática, nem indiferente a propaganda que, em constantes *tournées*, os homens das "fórcas vivas" andam, afanosamente, fazendo por toda a parte.

Que devemos fazer? — Perguntam-nos alguns organismos e camarações, dessas terras ameaçadas pelo apostulado dos mártires Pereira da Rosa, Carlos de Oliveira e Alfredo Ferreira — essas pobres vítimas da sociedade.

Devem os nossos camaradas, todos os trabalhadores, todos os con-

As entrevistas que se não fazem e as opiniões que se não dizem

O que nos declararam,
nesta quadra do ano, dois reaccionários
muito conhecidos...

Diz-se que o carnaval serviu para se arrancar a máscara que cada um traz todo o ano afivelada. Banalidade! — resmungaria o leitor, desconfiado que a frase que acima deixamos escrita, grite à evidência que nós temos que escrever nem que dizer. Puro engano! Temos que dizer aquilo que possivelmente alguns nos diriam se lhe tivemos perguntado e prometido que não reproduzímos.

Imagine o leitor que encontravamos o sr. Alfredo Pimenta, cansado de imaginar marquesas loiras e elegantes e bonitas que o recebessem e o acariciassesem como um prodigo, como as aristocratas vienenses acariciavam Mozart. E, que dando-lhe uma palmadinha amavel no ombro, lhe perguntavam se gostava muito de ser monárquico... Talvez que ele nos volvesse, aborrecido.

— Eu já fui anarquista. Copiei os doutrinários da ideia mas depois ganhei a minha vida tornei-me republicano. Você compreende, já não tinha nada que copiar... Depois fiz-me republicano do jornal do António José de Almeida, do partido do António José de Almeida... Depois lembrei-me que podia vir a ser monárquico. Você está a ver, dava sensação, marquesas, chás, elegâncias, luvas amarelas... Afinal fiquei sem marquesas, sem elegâncias, sem chás... Tenho apenas isto — aponta neurastenizado para um par de luvas amarelas, sujas e amassadas.

— E você sente-se bem em ser monárquico?

— Eu? Eu nunca compreendi, nem senti ideas. Li-as e decorei-as. São "coisas" que vêm nos livros e que se podem reter na memória. Eu nunca fui senão "eu".

— E quem é você?

— Não sei. Disseram aqui há tempos quando eu imitei o Oscar Wilde que eu era o último insulto dirigido à memória do grande e iconoclasta escritor inglês. Serei eu um insulto?

* * *

O sr. Fernando de Sousa Nemo é inabordável para um redactor da *Batalha*. Mas no Carnaval será também inabordável? Imaginemos que não era e aceitemos que ele de bôa vontade nos teria falado assim, se nós o tivessemos convidado, prometendo nada reproduzir:

— Eu sou católico, não há dúvida, mas um católico militante. Sabe o que é um católico militar?

Fingimos ignorar. A nossa simulação de

sumidores, não perder de vista os elementos das fórcas económicas das diversas localidades do país, e procurar estar, bem ao facto, das reuniões ou comícios que estes realizam, com ou sem os célebres oradores da associação comercial. E, no dia e hora desses comícios, os trabalhadores, em nome dos seus interesses, como principais agentes da riqueza pública que outros disfracam apresentam-se nos locais respectivos para ouvirem e aí mesmo oporem os seus protestos, replicar dos comentários aos paladinos das "fórcas vivas".

Vamos ouvir-los os seus comícios, as suas reuniões, e aí mesmo interroguemos esses bons patriotas, sobre a razão da sua riqueza, acerca dos motivos das nossas necessidades, e, sobre tudo, procuremos saber quando é que essas candidatas almas resolvem baixar os preços a todo o custo da vida.

Se, como é costume, os comícios e as reuniões forem só para convidos, então os nossos camaradas, entendidos com todos os consumidores, promoverão, também, comícios, reuniões à mesma hora e na mesma terra e local, e a explicarão ao povo a benemerita cruzada desses mártires das fórcas económicas, que pretendem assentar arraial no parlamento, para nos explorarem mais directamente.

Claro que não somos partidários de violências, não as recomendamos, não as podíamos recomendar. Ao operariado, para esmagar a audácia dos seus exploradores, bastaria a maioria, a grande maioria do número. Basta-lhe, sobre tudo, a sua enorme, a sua formidável razão moral.

O que não podemos é cruzar os braços ante essa horda que tudo pretende dominar. Que o povo, em massa, acorra aos comícios e às reuniões das classes económicas, para estas se convencerem de que a carnalha, por enquanto, ainda não morreu!

Findou essa estopante alegriada, essa pantomima torpe em que os homens se insultam a si próprios, rindo... soltando gargalhadas estúpidas, fazendo rir os outros.

A sociedade está satisfeita. Insultou quem passava, ultrajou a jovem, a viúva, a orfã, o mendigo, riu-se de tudo e de si mesma e pôde enfim dar azo aos seus instintos bestiais.

Esmorecem os últimos ecos das risadas alvares, dos sarcasmos hediondos, das ironias aleijosas. Essa fúria grotesca que lhe custa dar todos os anos —ataques históricos de mulher a quem impede ir para o patamar insultar as visinhas— desvanece-se a pouco e pouco.

Findou o reino da Folia. Do céu cai uma chuva miudinha o que ainda torna mais sozinho e caricato o aspecto da cidade que se diverte.

Dos clubes e das tabernas, dos salões aristocráticos e das espeluncas, dos teatros e dos lupanares, começam saindo as primeiras máscaras...

Naquele desfile estranho e ridículo, notam-se traços de todas as eras e de todas as cores, ouvem-se risos irônicos e ultrajantes, gargalhadas estúpidas e alcoólicas, um entrechocar de dentes macabro e funambulíscos.

Passam marqueses, selvagens africanos, ciganas que não leem a "buena dícha", saem também alguns disfarçados em escravos e outros em tiranos.

Passam as primeiras máscaras nos seus trajes berrantes, apoiadas umas às outras, impotentes.

Passam as marquesas, vagabundas, das roupas que parecem montar a cavalo sobre uma mulher. Todos ríem...

Finjimos, outra vez ignorância, a simulação surtiu novamente efeito, provocando como provocou estas palavras de *Nemo*:

— Gostaria de ser um crente.

— Então a excomunhão do Episcopado foi justa?

— Foi. Mas sabe quem deviam ser excusados?

— Os mariolões das *Novidades* que são tão crentes como eu. E o Episcopado salvava-se porque Deus não existe, e a mim falta-me autoridade para o fazer. Ah! se eu pudesse, se eu pudesse...

— Que pena o sr. Fernando de Sousa não poder...

O «espresso» do reporter.

NO MÉXICO

Sob o governo militarista-trabalhista

No México foi tuzilado pelas fórcas do exército federal, sob o comando do general Félix Lopes, no cárcere de Naranja, o agrário Trinidad Calderon, sem ter sido submetido a qualquer julgamento.

Depois desse assassinato andaram procurando na povoação o presidente da Liga de Comunidades Agrárias do Estado, Primo Tápia, a quem não conseguiram apoderar.

As mesmas tropas, sob o olhar do general Lopes, roubaram dos armazéns 3.068 hectolitros de milho, propriedade dos agricultores, dos quais 2.000 já estavam vendidos.

Muitas casas foram saqueadas pelos soldados, que espancaram sem distinção todos os que protestaram ou se opuseram às suas ropelias.

— E quem é você?

— Não sei. Disseram aqui há tempos quando eu imitei o Oscar Wilde que eu era o último insulto dirigido à memória do grande e iconoclasta escritor inglês. Serei eu um insulto?

* * *

O sr. Fernando de Sousa Nemo é inabordável para um redactor da *Batalha*. Mas no Carnaval será também inabordável? Imaginemos que não era e aceitemos que ele de bôa vontade nos teria falado assim, se nós o tivessemos convidado, prometendo nada reproduzir:

— Eu sou católico, não há dúvida, mas um católico militante. Sabe o que é um católico militar?

Fingimos ignorar. A nossa simulação de

"A Batalha" comple- tou ontem seis anos de existência

Passou ontem o sexto aniversário de *A Batalha*. Eis um motivo de regozijo para o proletariado português. Lufando com as mais pesadas dificuldades, suportando as mais feroces perseguições, vem *A Batalha* combatendo por uma sociedade melhor, criticando os defeitos do actual regime, fomentando a cultura do operário, preparando-o para, livre de tutelas ignominiosas, gerir os seus próprios interesses.

Reveste uma importância extraordinária no nosso meio social, o aniversário de *A Batalha*. Seis anos de luta contra o capitalismo, seis anos de deuses das mais caras aspirações do proletariado, representam um esforço formidável do proletariado. Por isso deve felicitar-se e compreender que é capaz de muito mais: pôr em prática as ideias que o seu portavoz na imprensa vem pregando tenazmente.

A ÚLTIMA MÁSCARA

Está quase passada essa febre de delírio que envolveu a humanidade durante algumas horas. Já desponta a madrugada e os pares extenuados que rodopiam nos clubs, nos salões opulentos, nos teatros, sujos de poeira e de suor, começam preparando-se para sair.

Findou essa estopante alegriada, essa pantomima torpe em que os homens se insultam a si próprios, rindo... soltando gargalhadas estúpidas, fazendo rir os outros.

A sociedade está satisfeita. Insultou quem passava, ultrajou a jovem, a viúva, a orfã, o mendigo, riu-se de tudo e de si mesma e pôde enfim dar azo aos seus instintos bestiais.

Esmorecem os últimos ecos das risadas alvares, dos sarcasmos hediondos, das ironias aleijosas. Essa fúria grotesca que lhe custa dar todos os anos —ataques históricos de mulher a quem impede ir para o patamar insultar as visinhas— desvanece-se a pouco e pouco.

Findou o reino da Folia. Do céu cai uma chuva miudinha o que ainda torna mais sozinho e caricato o aspecto da cidade que se diverte.

Dos clubes e das tabernas, dos salões aristocráticos e das espeluncas, dos teatros e dos lupanares, começam saindo as primeiras máscaras...

Naquele desfile estranho e ridículo, notam-se traços de todas as eras e de todas as cores, ouvem-se risos irônicos e ultrajantes, gargalhadas estúpidas e alcoólicas, um entrechocar de dentes macabro e funambulíscos.

Passam marqueses, selvagens africanos, ciganas que não leem a "buena dícha", saem também alguns disfarçados em escravos e outros em tiranos.

Passam as primeiras máscaras nos seus trajes berrantes, apoiadas umas às outras, impotentes.

Passam as marquesas, vagabundas, das roupas que parecem montar a cavalo sobre uma mulher. Todos ríem...

Finjimos, outra vez ignorância, a simulação de que lhe custa dar todos os anos —ataques históricos de mulher a quem impede ir para o patamar insultar as visinhas— desvanecem-se a pouco e pouco.

Findou o reino da Folia. Do céu cai uma chuva miudinha o que ainda torna mais sozinho e caricato o aspecto da cidade que se diverte.

Dos clubes e das tabernas, dos salões aristocráticos e das espeluncas, dos teatros e dos lupanares, começam saindo as primeiras máscaras...

Naquele desfile estranho e ridículo, notam-se traços de todas as eras e de todas as cores, ouvem-se risos irônicos e ultrajantes, gargalhadas estúpidas e alcoólicas, um entrechocar de dentes macabro e funambulíscos.

Passam marqueses, selvagens africanos, ciganas que não leem a "buena dícha", saem também alguns disfarçados em escravos e outros em tiranos.

Passam as primeiras máscaras nos seus trajes berrantes, apoiadas umas às outras, impotentes.

Passam as marquesas, vagabundas, das roupas que parecem montar a cavalo sobre uma mulher. Todos ríem...

Finjimos ignorar. A nossa simulação de

O SINDICATO

O sindicato operário está hoje indubitablemente reconhecido como um importante factor económico. É para os operários, magrados a suas naturais imperfeições, o órgão dêsse mundo novo que anelam fundar e é, também, a instituição que regula a produção e o consumo, substituindo assim as antigas instituições financeiras.

Porém, o problema social não se limita ao campo económico, visto que também nos preocupa os problemas morais. Só com novas mentalidades será possível a fundação duma sociedade nova. Além da sua ação económica, o sindicato operário tem de cumprir uma missão educativa e de lev

NA ALEMANHA OS ESCANDALOS POLÍTICOS LÍTICOS

Presentemente desenrolam-se na Alemanha graves escândalos político-financeiros. Quando em 1923 o marco foi desvalorizado e substituído pelo "renten"-marco, acabando a inflação, personalidades governamentais de comum acordo com grandes industriais empreenderam desonestas operações financeiras. O governo, a fim de auxiliar a indústria, concedeu a diferentes empresas grandes créditos.

Dois, entre os beneficiados destes grupos, se fazem particularmente notar. São Kustiker e Barmat. Estes dois indivíduos eram refugiados dos países limítrofes da Rússia. Chegaram à Alemanha no princípio da revolução, sem nenhum recurso, mas souberam descobrir em breve o meio de se tornarem ricos. Declararam-se sociais-democratas, e puderam entrar em relações com os governos de então, que pertenciam também à social-democracia.

Barmat tinha sido membro do partido social-democrata da Holanda, e tratou de tirar disso partido. Pois os escritórios da Holanda à disposição dos socialistas da Segunda Internacional, e fez amizade dos chefes socialistas de todos os países. Barmat serviu-se destas amizades para obter créditos do Estado pelos funcionários socialistas do governo. Foi assim que um ministro, membro do partido católico, lhe concedeu um crédito de quinze milhões de "renten"-marco. Constatou-se, em seguida que a firma não estava na situação de poder restituir esta soma.

A firma mostrou-se reconhecida. Os "sociais-democratas", irmãos Barmat, davam "soirées", convidavam os altos funcionários sociais-democratas do Estado. O prefeito da polícia de Berlim ofereceu ao seu amigo Barmat uma cigarreira. Agora estão presos os irmãos Barmat, e todo o partido social-democrata está comprometido no maior alto grau.

As censuras dos comunistas os sociais-democratas replicam que os chefes do partido comunista, entre outros Koenen, fizem negócios com Barmat. Koenen confessa, mas o seu desmentido é fraco!

Pela descoberta dos escândalos financeiros, nos quais as personalidades mais em voga do partido social-democrata estão comprometidas, os chefes republicanos alemães estão muito desacreditados. Os monárquicos servem-se destes escândalos para os seus fins, e em seu favor, atraindo a atenção para a "corrupção republicana". Escusado será dizer que elas apresentam a monarquia como a forma ideal de estado, e pretendem que tais coisas não se passariam sob um regime monárquico.

A descoberta destes escândalos teve lugar, quando se estava em vias de se constituir o governo, e os monárquicos aproveitaram-se para formar um governo de elementos que lhes são dedicados. E agora a república é representada por antigos monárquicos. Não sómente o partido social-democrata se tornou ridículo, mas desacreditou todo o movimento operário alemão.

AS BOAS ATITUDES

Um vibrante protesto contra o Carnaval feito por um grupo de estudantes anarquistas de Coimbra

Labareda se intitula um grupo de estudantes anarquistas de Coimbra. Devemos a este grupo um nobre protesto contra este Carnaval de estúpidos e de boçais que ainda hoje se arrasta por essas ruas. Esse protesto consiste no desassombroado manifesto:

"E o Carnaval a festa dos histriões, a obscena e ridícula festa dos homens que só sabem folgar em momices, das mulheres que se escondem para se trocarem. Nascido das festas em honra de Saturno—deus dos comerciantes e de ladrões—e também das festas em honra de Baco—deus dos ebrios—o Carnaval tem mantido, através dos séculos, as ignóbeis características daquelas festas da antiguidade pagã: costumes fáceis, velhacaria, ciúmico e palhaço.

E é esse ainda o espectáculo de hoje. Quer se apresente envergonhado, civilizado, em trajes limpos, quer se passeie em trapos e em sujeira, o Carnaval é esse período iluditivo da educação e da cultura dum época e dum povo, pois é intuito que o homem, sinceramente, diz do seu carácter e do seu sentimento e da sua inteligência. Tem liberdade tudo fazer e de tudo dizer, soltar as rédeas aos seus instintos, pressos pela hipocrisia dum anel de servidão a uma educação de preconceitos, a uma moral de convenções e de fórmulas, sem beleza e sem ideal; tem a liberdade de se mostrar tal qual é: insípido, triunfo e ridículo.

Mal vai para o ser humano o ter necessidade de se divertir assim, tão estupidamente. Quando um homem deseja ate a degredação repelente do bobo, se permite dar a fala a liberdade ascorsa do palavrão e do dito equívoco ou gentilmente preveroso e malicioso; quando o ser humano se esquece da categoria moral que deve à sua situação no mundo animal, dos deveres que tem para consigo, para o melhoramento da sua inteligência e progresso da sua educação, da sua moral—deixa o homem de ser homem para ser porco, ser trambolhão, ser polichinelo sem graça, ser gracioso sem beleza; ser um misto de qualquer coisa que enoja e que causa dó!

Que todo o homem repila o Carnaval como divertimento impróprio dumha civilização que tem em se quer progressiva e perfeita; que todo o homem repila o Carnaval como tradição religiosa e immoral que se tem de combater pela evidente e perniciosa influência que exerce na civilização e na moral dos povos, dessa moral e dessa civilização que tem na Anarquia o acume da perfeição, da equidade, da harmonia, da justiça e da beleza!"

NO APOLÓ

Foi dos mais animados espectáculos o que ontem se efectuou neste teatro com a encantadora revista "Mola Real". O público riu a bom ritmo com as grácas constantes das suas scenas, que estavam em pleno sucesso.

Hoje, repete-se o mesmo espetáculo e certamente a concorrência não será menor do que ontem, em que durante toda a representação estruivam calorosos aplausos em toda a sala.

O aniversário do nascimento de João de Deus

Uma interessante carta do poeta dirigida ao jornal socialista 'Cruz do Operário'

No dia 8 do mês próximo passa o aniversário do nascimento de João de Deus, o poeta do lirismo simples e popular, o autor da "Cartilha maternal" que pelo seu valor mental, pelo carinho que revela pelas crianças, vale como um dos mais valiosos poemas da humanidade.

Natural de São Bartolomeu de Messines, vila encantadora enquadrada na paisagem romântica do Algarve, João de Deus ainda é ali recordado com saudade e os seus ditos de espírito e as suas frases bondosas repetidas pelo povo que comprehendeu ter no poeta um dos seus mais sinceros amigos. O quinzenário "O Messinense" daquela vila, comemorando o aniversário do nascimento do inspirado poeta, vai publicar um número especial, colaborado por vários homens de letras.

E' para lamentar que na terra onde nasceu esse bondoso homem que à causa da educação popular dedicou o melhor do seu esforço, não exista uma escola decente, uma escola ampla, asseada, cercada de floridos canteiros, como ele sonhava, como ele ambiacionava para prazer e educação da infância.

E' curioso lembrar, nesta data, que João de Deus, a-pesar-de profundamente cristão, e talvez por interpretar pela sua simplicidade e pureza as doutrinas cristãs, não era hostil ao socialismo que então Antero de Quental, também, me parece que nenhuma, por que ali até veio render homenagem a uns certos costumes morais, e, desde que nos levantámos do mundo material, para achar preciosidades, máximos valores, costumes de máxima importância, no mundo moral, estamos na região da alma, que crê, assim como sabe, que ama, assim como admira.

Meus caros socialistas em verdade vos digo que quem escreve estas linhas, se alguma cousa é em política, é socialista; porque a vossa bandeira, dizeis vós, é a justiça, e quem não ha de seguir esta bandeira? Mas é socialista porque é cristão; é socialista porque ama os seus semelhantes; se não, que fizesse occasão disto, faria o que fazem os não são cristãos os que não se consideram vossos irmãos; fratravos-his como a um cavalo, ou peor que a um cavalo, porque o cavalo custa dinheiro, e, em morrendo, o dono perde; enquanto vós, em morrendo, não faltam quem vos cura, e talvez, mais barato. Não mistureis a religião com a política; deixai lá a religião, que é para todos os tempos e todos os lugares. Tendes, no mundo económico, muita cousa a fazer, a pregá. A religião, se um dia triunfardes, como conservadora que ela é essencialmente, porque a sua missão é a paz e a ordem, reconhecer-vos-his, como atualmente reconhece e abraça as formas de governo estabelecidas. Ela não provoca o movimento, mas acompanha o movimento. Ela só condena os principios que nos levam mais longe, e atacam a moral e a fé, porque vós mesmos, sem fé e sem moral, não eris socialistas, eris retrogrados e adoradores do "bezerrão de ouro".

Eis a carta:

Sr. Redactor da *Cruz do Operário*:—Abaixo de ler o manifesto do candidato socialista e não acho ali uma palavra ofensiva, nem sequer relativa à religião; donde concluo que o socialismo não tem necessidade alguma de implicar com a religião, e que se pode ser socialista e católico, ou socialista e protestante, assim como também socialista e ateu.

Sempre me pareceu, na minha ignorância do que realmente se envolve nessa política do socialismo, que não podia haver confrontação entre a religião cristã, e tanto quanto o socialismo não tem necessidade alguma de implicar com a religião, e que se pode ser socialista e católico, ou socialista e protestante, assim como também socialista e ateu.

Esse indivíduo não pode representar nenhum credo de política reformadora, que há de ser necessariamente liberal e humana, e não é liberal nem humano injuriar ninguém pelas suas crenças, assim como não é liberal nem humano injuriar ninguém pelo seu amor filial, pelo seu desvelo maternal, pelas suas afeições, pelas suas convicções.

Não minha profunda incapacidade política não tenho percebido a conveniência de multiplicar obstáculos, levantar inimigos, aumentar dificuldades, de propósito para embrigar a ideia que se quer realizar.

Pois se o ideal do socialista é a justiça, qual outro ideal será o da religião?

Confio ao corrente estas perguntas com pouca esperança de que mereçam resposta, mas v. fará o que julgar conveniente.

Lisboa, 29 de Agosto de 1880.

De V. etc.—JOÃO DE DEUS.

OS QUE MORREM

José Bento Diniz

Faleceu em Vila Nova de Gaia, José Bento Diniz, tipógrafo de *A Comuna*, tendo sido sepultado no cemitério de Santa Marinha, sendo o seu funeral acompanhado por numerosos operários.

Eleitor Barão

Após doloroso sofrimento faleceu ontem, Eleitor Barão, capinteiro civil, filho de José Pedro Barão, forjador do Arsenal da Marinha.

O seu funeral realiza-se hoje, às 15,30 horas, para o cemitério do Alto de São João, saindo o prémio da Madalena, 66, 5º.

João António Ferreira

Após prolongado sofrimento faleceu com a idade de 67 anos João António Ferreira, mestre dos pintores e anexos de construção naval da Companhia Nacional de Navegação.

O extinto foi fundador da Associação de Classe dos Pintores de Construção Naval e Anexos, Grupo Recreativo "Os Ben Entendidos" e sócio das associações Protectora dos Animais, Associação Humanitária Camões e Adriano Cavalheiro.

Pelos seus belos dotes de carácter foi um bom camarada, quer como operário, quer quando exercer o lugar de mestre que, pelo seu passamento só deixa profundas saudades para com os que com él conviveram.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, para o cemitério do Alto de S. João, saindo da rua dos Caminhos de Ferro, 100, 1º. A comissão administrativa dos Pintores de Construção Naval e Anexos, convide os seus concíos a encorparar-se no funeral.

FACTOS DIVERSOS

Perdeu-se

Alfredo Marques Pescaria, vendedor de caulelas, perdido na Barreira do Bocage, os vigeiros 2008 serie 1 a 6 e pede a quem os achou, para os entregar neste jornal.

COLISEU DOS RECREIOS HOJE — as 20,45 (8 3/4) — HOJE

ULTIMO DIA DE CARNAVAL GRANDE ESPECTACULO DE CIRCO NA PISTA

À MEIA NOITE

ULTIMO baile de máscaras ULTIMO

MATINÉE — as 12,30 (2 e meia)

ESPECTACULO DE CIRCO NA PISTA

RICO & ALEX

5 VALIOSOS PRÉMIOS 5 — às crianças que se apresentarem melhor mascaradas

1.º prémio: um piano para criança; 2.º: um urso; 3.º: um par de sapatos;

4.º e 5.º: camarotes para um espetáculo do Coliseu

BRINDES A TODAS AS CRIANÇAS

PREÇOS OS DO COSTUME

Sábado, 28 — ESTREIA da NOVA COMPANHIA DE CIRCO

A BATALHA

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

NO TRÍNDADE

Eva, de Franz Lear

Nas obras do Arcebispo de Paris, assinado por uns carrascos que não podem pertencer a partido nenhum, e a quem, por isso, não chamo comunista, respira-se um ar puríssimo de liberdade, e até diria republicano, se a república, como ali se está apropriadamente, não estivesse prometendo o mais tremendo despotismo. Assim também, por que há de o socialista julgar-se inimigo do padre, essencialmente inimigo, incompatível com o padre, com a religião, dizer, com a sua própria mulher, que é provavelmente, religiosa, com as suas famílias, com os seus filhos, criados nestas atmosferas cristãs de toda a Europa e de todas as nações cultas? Com que conveniência? Nenhuma. Com que necessidade? A julgar do manifesto do Senhor Antero de Quental, também, me parece que nenhuma, por que ali até veio render homenagem a uns certos costumes morais, e, desde que nos levantámos do mundo material, para achar preciosidades, máximos valores, costumes de máxima importância, no mundo moral, estamos na região da alma, que crê, assim como sabe, que ama, assim como admira.

Boa a direcção do maestro Ricci.

NOGUEIRA DE BRITO.

NO POLITEAMA

A revista de Lino Ferreira e Nascimento Fernandes "Vem cá, não tenhas medo"

Sirva de exemplo a pequena revista "Vem cá, não tenhas medo", de Lino Ferreira e Nascimento Fernandes, para provar suficientemente que se pode fazer espírito inofensivo, leve e abundante.

De Lino Ferreira se conhece já a veia humorística em vários trabalhos congêneres. Não abusando do iracodilho, mas empregando-o de díscia exata, recheia os seus originais e as suas traduções dum verbo absolutamente honesta e desopilante, que difficilmente achará quem a ignora. Nascimento Fernandes, cuja faceta de cómico inteligente e consciente só vem afirmando cada vez mais, emprestou à peça a sua individualidade num desdobramento curioso, representou com a mesma graça com que nela entrou a colaborar conceitualmente.

"Vem cá, não tenhas medo" tem observações, sobre todo uma despretensiosa ironia e uma confortável critica que colocam de lado a produção entre os melhores do gênero. No desenpenho, em que não há uma falha, todos brilharam desde o autor Nascimento e o empresario Robles até à mais humilde das râbolas.

NOGUEIRA DE BRITO.

Notícias

A mágica "A semana dos 9 dias", que Edna Teatro está ensaiando no Eden Teatro, deve ter ali a sua "prémie" depois de amanhã, quinta-feira, será apresentada em duas sessões em cada noite.

Reclames

Findam hoje no Eden Teatro, as diversas carnavalescas que tem batido o recorde da concorrência, animação e entusiasmo. Consta o espetáculo das despedidas, irrevergível, da mágica "O Boi-Rei", com todas as suas atrações e com sensacionais surpresas, e ainda duzentos chefes de família a brigarem com a fome e com a misericórdia, sem grande poderem encontrar uma porta de saída. Porém, fartos de pensar, descobriram afinal que dividindo, dividindo o trabalho que havia, se davam um pouco de cada parte.

Hoje, último dia da quarta-feira valesca, a despedida de 9 horas, com bilhetes de 1000 e 500 mil réis, que restam de 1000 e 500 mil réis, que restam para estes divertimentos, encerram a sua fase carnavalesca.

Assunto que se esclarece

Procurem o director do mensário *O Pirilampo* para nos fazer ácerca do seu nome declarações idênticas as que fizemos anteontem sobre o *Fogo*, a propósito de correr o boato de que "os cavaleiros da luz" eram os seus redactores — o que é mentira.

DESPORTOS

D. S. L. B. visita Tomar

Deslocou-se no domingo a Tomar a primeira categoria do Sport Lisboa e Benfica que a convite da filial do Sporting Club de Portugal, naquela cidade ali foi realizar um jingo. Afavelmente recebidos, os jogadores lisboetas, pelo Sporting Club de Tomar, efectuou-se o desafio com diminuta assistência de público, que parece ainda não lhe interessar o género, desenvolvendo-se um jingo fraco e que terminou por 3-1 a favor do Benfica.

A arbitragem de J. Bogalho, correcta.

No final, foi o grupo visitante

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,33
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,42
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	8	15	22	—	Q.C. dia 8 às 9,10
S.	9	16	23	—	L.C. 10 7,03
T.	10	17	24	—	Q.M. 23 10,42
				—	L.N. 24 11,46

MARES DE HOJE

Praiamar às 5,51 e às 4,13

Baixamar às 9,21 e às 9,43

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 10 dias de vista	108,00	108,50
París	12,08	12,09
Suica	32,99	32,92
Bélgica	12,05	12,06
Itália	12,85	12,88
Holanda	12,93	12,96
Madrid	12,93	12,96
New York	20,98	20,93
Brasil	22,92	22,94
Noruega	32,15	32,20
Suecia	32,70	32,74
Dinamarca	32,70	32,74
Praga	12,00	12,04
Buenos Aires	32,99	33,11
Rentimarcos ouro	42,90	52,00
Agio do ouro	22,90	22,95
Liras euro	109,00	111,50

ESPECTÁCULOS

TEATROS

São Luís — A's 20, 21 — A dança das Libélulas

A's 24 — Baile de máscaras.

Teatro — A's 20, 21 — Inglês...

A's 24 — Baile de máscaras.

Teatro — A's 20 — Outro em e Vem cá não temas medos.

A's 24 — Baile de máscaras.

Teatro — A's 21, 22 — O País dos Sinos.

Teatro — A's 21, 22 — O Teureador.

Teatro — A's 21, 22 — Juventus.

Teatro — A's 21, 22 — O Bolo Rei.

A's 24 — Baile de máscaras.

Maria Vitoria — A's 20, 21, 22, 23 — O 31 e Re-Vésse

Teatro dos Recreios — A's 21 — Companhia de circo.

A's 24 — Matiné.

A's 24 — Baile de máscaras.

Teatro — A's 20, 21 — Variedades.

Teatro — A's 20 — Animatógrafo.

Teatro — Tropic — Todas as noites — Concertos e di-

versões.

CINEMAS

Olimpia — Chiado Terrasse — Salão Central — Cinema Condessa — Salão Ideal — Salão — Lisboa — Sociedade Promotora de Educação Popular — Cine Páris — Cine Especial — Chantecier — Tivoli — Tortoise.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas dentes e molas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, lâmpadas, Cabo (City Town), Conde Barão, n.º 55 e quiosque.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata (E a casa que fornece em melhores condições).

LIMAS

As melhores são da União, Tome Peiteira, Viana do Castelo, Peitir em todas as lojas de ferragens. Em preços e témpera rivalizam com as melhores marcas inglesas.

Marcas registradas

Pedidos nos nossos Representantes e depositários em Lisboa srs. Pereira & C. Ltda — Galvão Marquês de Abrantes, 138 — Telef. C. 1302

CONSELHO TÉCNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as provéniências.

Telefone, C. 5339

Escritório:
Calçada do Combro, 38-II, 2º

Leia o Suplemento de "A Batalha"

"HERPETOL"

Dá um (—) Alívio instantaneo

CALÇADO
A sapataria do Calhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos em verniz, abotinados salto Luis XV.
a 75\$00 botas em cal, preto, cortados, para senhora, cujo valor é de 75\$00.
a 30\$00 sapatos de verniz abotinados e c. IX, para senhora, cujo valor é de 60\$00.
a 55\$00 sapatos de cal preto cano da cor, fórmula da moda, 2 solas corridas, cujo valor é de 90\$00.
a 30\$00 grande lote de sapatos, cal preto, para senhora, abotinados e c. IX, salto de pau e de sola.

Desde 6\$00 sapatos para criança

FOOT-BALL

Esta casa, vende botas e bolas, muito mais baratas que qualquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

Valério, Gópes & Ferreira, L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fundos para caldeiras,
guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pés e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO AMPARO, 86-LISBOA — TELEfone, 3930, N. gramas, FERRAGENS

FATOS COMPLETOS
E SOBRETUDOS

em boas fazendas de lã com bons forros desde 169\$00

IMPREMIURIS INGLESES com rinto e capuz, desde 169\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

O CHAVES DO CONDE BARÃO

170, RUA DA BOAVISTA, 172

Menstruação

Aparece rapidamente
tomando o
FERREOL

Caixa 15\$00. Pelo Correio 16\$00

R. da Escola Politécnica 16 e 18

LISBOA

TELEFONE

C

Companhia Nacional de Navegação

Vapor "Angola"

Sairá no dia 1 de Março para Madera, São Tomé, Loanda, Lobito, Mossamedes, Cabo (City Town), Lourenço Marques, Beira e Moçambique; e para Inhambane, Chinde, Quelimane, Pebane, Angoche, Pôvoa, Andrade e Ilha de Moçambique.

Para carga passageiros e mais esclarecimentos, trate-se em LISBOA, na Sede da Companhia, Rua do Comércio, 85. NO PORTO, na sua Sucursal, Rua Nova Afandega, 34.

MOLESTIAS DE PELE

As feridas, impigens, herpes e outras doenças de pele, curam-se facilmente com a antiga e acreditada

Pomada de salicílico de chumbo composta

de Alberto Veiga, farmacêutico

Depósito geral: Farmácia Figueiredo

42, rua dos Retirozeiros, 42

IMPORTANTE

SEGUROS MARÍTIMOS

"A MUNDIAL" participa a todos os seus clientes que celebram contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices flutuantes.

Dirigir-se à

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado, Esc. 500.000\$00 — Reservas, Esc. 749.031\$60,9

Sede em Lisboa: Delegação no Porto:

Rua Garrett, 95 — Tel. 3894

Rua Sá da Bandeira, 331, 1.

— Tu não ficarás reduzido a tão misero estado..., Bezenecq o Rico.

— O senhor bailio gosta de gracejar, apraz-lhe darme essa alguma de rico, quando eu agora sou tão pobre como Job.

— Não, não gracejo..., mas tornemos à tortura; dizia-te eu que se a primeira prova não basta para decidir o cabeçudo a abandonar os seus bens, sujeitam-no à segunda... que vou explicar-te.

— E Garin, levando o mercador pela mão, conduziu-o de frente do gancho de ferro: — Vês este ganho? para reca que deve suportar o peso de um boi?

— Sim, facilmente.

— Quando o nosso cabeçudo resiste à prova da golilha, despedem-no, penduram-no neste gancho de ferro, ou seja pela carne das costas, ou pela pele da barriga, ou pelas partes...

— Por favor não fale tão alto! disse o mercador contendo apenas a sua indignação e o espanto, minha filha poderia ouvir-o!

— E' justo, replicou o bailio com um sardônico sorriso, haja pudor... Pois figura tu, Bezenecq o Rico, que tenho visto cabeçudos ficarem assim suspensos a este gancho de ferro durante uma hora, escorrendo sangue como o gado no matadouro, e recusarem ainda a doação dos seus bens; mas não resistiam à terceira prova, Bezenecq o Rico.

— O que eu não posso compreender, replicou o mercador dissimulando o horror que experimentava, é que em lugar de se exporem a essa tortura, não demoleiamente tudo quanto possuem, como eu faço... Pelo menos escapariam ao suplício e recobriam a liberdade; não é verdade, digno bailio?

— E' singular, disse repentinamente o mercador interrompendo Garin, aqui há fumo?

— Meu pai, fogo, exclamou de longe Isolina com terror, acudam! vejo lume... debaixo das barras de ferro!

— O cidadão de Nantes voltou-se de repente, e viu os combustíveis reunidos debaixo da grelha começarem a arder; algumas chamas esclarecendo com os seus reflexos avermelhados as negras paredes da marmoraria, deixavam ver um denso fumo; uma espantosa suspeita atravessou a mente do mercador, mas nem sequer se atreveu a fixá-la na sua ideia, depois, querendo tranquilizar o desassossego de sua filha, disse-lhe:

— Não receies coisa alguma, medrosa! acendem este lume para expulsar a humidade da marmoraria; ser-nos há mister passar aqui a noite e agradecer desde já ao digno bailio a sua previdência.

— Mas depois desta resposta, apenas com o fim de tranquilizar sua filha, o mercador empalidecendo, perguntou a Garin:

— Na verdade, de que serve acender lume debaixo daquela grelha?

— E' para te dar uma ideia do poder desta última prova, Bezenecq o Rico!

— E' escusado... Acredito tudo quanto me diz, senhor bailio.

— Ouve sempre; acendem lume debaixo daquela grelha, como vés; quando não levanta chama é o essencial, e forma um belo brazeiro, estendem o recalitrante nusinhos em cima da grelha, e ali o seguram por meio de correntes e argolas de ferro que estávam vendo; no fim de alguns instantes a pele do cabeçudo chamusca-se; greta-se, verte sangue, enegrece, que mais te direi: já vi o brazeiro estalar com a gordura que toda sanguinolenta filtrava do corpo de alguns homens menos gordos do que tu, Bezenecq o Rico.

— Olhe, bailio, desfalece-se-me o coração, a cabeça anda-me à roda, só com a ideia de um tal suplício! disse o cidadão de Nantes estremecendo; sinto-me prester a perder os sentidos... Deixe-me sair desta marmoraria com minha filha...; já lhe fiz doação de todos os meus bens...

— Vamos, vamos, Bezenecq o Rico, replicou o bailio interrompendo o mercador, um homem que dá tudo facilmente como tu, logo a primeira palavra, sem ter sofrido a menor tortura, deve ter guardado outras riquezas!

— Eu! exclamou o mercador admirado; mas dei-lhe tudo até ao meu último dinheiro!

— Tp viste que a pesar d'este pretendido abandono de todos os teus bens, continuei a chamar-te Bezenecq o Rico; porque estou certo que tu és mercedor ainda

— —

A BATALHA

A VILA DE SINES

A terra onde nasceu Vasco da Gama—O que há de organização operária—Falta de transportes, de estradas e de asseio

Agora que a sociedade burguesa comemorou o 4º centenário do passamento de Vasco da Gama digamos alguma coisa sobre a terra que foi "pátria gloriosa" do "glorioso" almirante do mar das Índias e do valioso 1º conde da Vidigueira.

Mas descrever a terra sob uma forma real, autêntica e não falsa como nos descrevem o filho, eis o nosso intento. Falarmos sobre as suas aspirações e necessidades, eis, também, o nosso final intento!

* * *

Quem pela primeira vez vá a Sines e que não conheça ou não saiba o sítio onde nasceu o tão cantado navegador ficará infalivelmente e logo de momento familiarizado com o local que lhe foi berço. E que qualquer sinesense que lhe sirva de *cicerone* comecará por lhe mostrar a casa, de reconstrução actualizada, onde Vasco da Gama viu a luz do dia, e onde se ostenta uma marmoreada que atesta o facto. Em seguida mostrar-lhe-há a capela da sr. das Salas, na ribeira de Cima, quasi pegado com a villa, que, em estilo manuelino, foi por elle mandada edificar provavelmente em graças do seu feito—segundo se lhe numa inscrição da época que se encontra à parte de cima do pórtico, salvo erro, da referida capela e em cujo interior se vê um enorme retrato do aventureiro que no-lo representa tal qual ele era—ou devia ser na altura em que "fez" o descobrimento do caminho marítimo da Índia.

Se pretendemos adquirir vistas de trechos da villa lá encontraremos em quasi todas elas a inscrição infeliz que nos persegue por todo o lado. Sines é a Pátria gloriosa do épico navegador Vasco da Gama—, como se tudo isto fosse pouco, qualquer cartaz ou programa anunciarão de qualquer coisa, há de trazer, escarrapachado, o seu nome, de contrário murmurasse... porque poucos são os filhos de Sines que não tñham o culto do seu conterrâneo... pelos menos nos lábios.

A organização operária

Sines fica—como de resto o sabe toda a gente que conheça o mapa desta grande aldeia que é a região portuguesa—mesmo à beira-mar do oceano Atlântico e a areia fina de suas limpidas praias são pelas suas águas, que ali parecem cristalinas, constante e ininterruptamente osciladas. Como razoável centro piscatório que é, uma grande parte da sua população emprega a sua actividade nesse arriscado e perigosíssimo metier que é a pesca. Há ainda mais profissões marítimas como sejam as das classes de descarregadores, estivadores, barqueiros etc., que se acham organizados, em conjunto, dentro da associação marítima local, mas em número muito restrito para que possamos afirmar que os marítimos de Sines se acham sindicados, quando podem ser, segundo o modo de ver (depois de se fazer o desdobramento das respectivas secções profissionais e constituirem-se em sindicato único, ainda que a Federação Marítima tivesse que despendere esforços inauditos na propaganda que tal assunto require) uma força sindical muito razoável. Já que estamos com a mão na massa, como sói dizer-se, apraz-nos aqui chamar a atenção da jovem Federação de Conservas para que irradie a sua ação até aquela vila.

Existem ali algumas fábricas de conservas—chamados “frutos”—e sobre cujo peso, que está por organizar, se exerce uma exploração infamíssima e tirânica. Há ainda também a associação dos corticeiros e outras se poderiam fundar como a da construção civil, etc. Bastaria que os esforços de meio dia de camaradas conscientes que por lá existem acompanhados por mais alguns que despartem o letargo condensável em que permanece se convergisse nesse sentido e secundados pelas respectivas Federações a quem o caso interessa para que Sines fosse, porque tem todas as possibilidades para o ser— visto não faltar a população trabalhadora necessária para tal—não o actual zero em matéria associativa, mas sim um forte e consciente esforço sindical onde, revolucionariamente, os produtores enfrentariam a luta gigantesca, titanica mesmo, a travar, num lapso de tempo mais ou menos curto, com a paralisação capitalista que nos subjugava.

Há localidades que já possuem a sua União de Sindicatos Operários com menos população proletária do que Sines não dispõe e por isso figura-se-nos que ali se deve trabalhar para tal. Poderá, já de momento, parecer arrojada tentativa mas, segundo o que expomos acima, não é irrealisável.

Melhoramentos locais

Se Sines tivesse a facilidade de transportes terrestres, como tem por via marítima, engrandecer-se-ia rapidamente, e ela veria, indubitablemente, aumentar duma forma considerável o já grandioso número de aquisições que na época balnear ali acorem para se banharem nas suas águas limpidas e salutares. No inverno, Sines oferece-nos a mesma instipidez e monotonia que se observa em todas as praias, mas chegada a época calmosa também não faltará a animação, a vitalidade fictícia e momentânea que se vê nas suas congeneres.

Uma das maiores, senão a maior das aspirações de Sines, é vêr que se converte em realidade a projectada linha ferroviária, cujos trabalhos de terraplanagem já estão aí além de Santiago do Cacém, ainda que esses trabalhos sejam feitos com uma tal morosidade de que nos leva a vaticinar a sua conclusão só lá para o ano de...

Fica ao saber de quem me lê, a fixação da data do seu acabamento!

Em oito horas de viagem por via marítima, e em qualquer pequeno vapor, vai-se da capital a Sines, o que não sucede por terra, que necessitamos dumas catorze ou quinze para o mesmo fim.

De Grândola, que é a estação do caminho de ferro que mais próxima fica daquela vila, fica ali distante umas oito léguas, que a diligência que lá nos conduz galga isso em... oito horas, não incluindo o tempo de paragem em Santiago! Quere dizer, que um homem a pé não levaria tanto tempo a fazer esse percurso!

Por aqui se pode calcular como a Pátria

CONTRA O MOVIMENTO DAS "FORÇAS VIVAS"

Prossegue a campanha popular contra a organização e as pretensões dos comerciantes, industriais e agricultores gananciosos

Um imponente comício em Olhão a que assistiram cinco mil pessoas

OLHÃO, 19.—Promovido pela U. S. O. realizou-se ontem no largo da Alfandega um comício de propaganda contra os maiores da União dos Interesses Económicos, com uma assistência de cinco mil pessoas, entre a qual se viam numerosas mulheres. Abrindo o comício, Vergílio Tavares declarou a tribuna livre.

David Correia, da Federação da Indústria de Conservas, analisando a situação crítica dos operários da sua indústria, diz ser necessário a mais rápida solução para a crise de trabalho.

Manuel Teodoro, da U. S. O., ataca com energia os indivíduos que pretendem baixar os salários, e aumentam os preços de pão e mais generos indispensáveis à vida. Aprecia as pretensões da U. I. E. que a serem realizadas levaram ao terror branco.

José Maria Canoa, dos Soldadores, vem para combater os adversários que pretendem condenar o povo à fome e à morte, pelos processos mais jesuíticos. Critica a pretendida subida no poder da U. I. E., depois de ter afirmado que a crise de trabalho obedece a instruções deste organismo a todo o patronato.

Aleixo de Oliveira, da C. G. T., denuncia os culpados do mal-estar em que o povo trabalhador vive, abrangendo a U. I. E. que, coligindo os financeiros de todos os corpos políticos pretendem transformar o país numa enorme caserna.

José Negrão Buisel, dirigindo-se aos "fórcas-vivas" que certamente ali estão a ouvi-lo convida-os a ir à tribuna dizer da sua justiça porque o povo saberá manter-se coerente com os seus princípios de máxima liberdade de pensamento e de crítica. Critica a ação da U. I. E.

Foi por fim lida e aprovada a seguinte moção:

Considerando: Que neste momento todas as forças reactionárias e jesuíticas se uniram no firme propósito de impedir a marcha do progresso; Que nessa união tomam também todos os comerciantes e industriais do país, que pensam apoderar-se do poder para mais facilmente escravizar o povo trabalhador e mais à vontade poderem roubar os consumidores. Que os políticos movidos por altas influências a quem não é estranha a União dos Interesses Económicos, desfaram por terra um governo por ter afirmado que a guarda republicana se não fez para espionar e o povo e que estava a lado dos exploradores contra os exploradores; Que a União dos interesses económicos, "seita tenebrosa" nascida

gloriosa do épico-navegador — como de resto todas as terras do país, graças à inércia e desleixo dos governantes—está bem servida de estradas. Calcule-se, por um destes acasos que se podiam dar muito fácilmente, todo esse estadio que para ali esteve durante as festas do centenário de Vasco da Gama, representando vários países, quizesse visitar a terra onde ele nasceu, e que fossem por terra, como eles se deviam, mais estuprados perante a grandiosidade da fundação deste país, em heroísmo. Foi aprovado um veemente protesto contra a ditadura em perspectiva.—E.

O protesto dos rurais de Fronteira

FRONTEIRA, 20.—Com grande concorrência, reuniram na respetiva Associação dos trabalhadores rurais para apreciarem a circular da C. G. T. sobre crise de trabalho e movimento da União dos Interesses Económicos.

Falaram os camaradas Pimentel, Joaquim Romão, João Barroso, Matias Ratado e António Rodrigues. Todos os oradores combateram acremente a obra odiosa da U. I. E., que pretende fazer reviver um passado ignominioso para a classe operária.

Foi aprovado um veemente protesto contra a ditadura em perspectiva.—E.

da coligação patronal pretende coagir os trabalhadores a sugerir-se à mais negra e afrontosa das escravidões, imposta por meio da miséria, provocada pela crise de trabalho; Que uma das suas pretensões é acabar com a livre expressão de pensamento e de reunião, por intermédio dum governo ditatorial onde só preponderam e mandam as espadas e as sotainas negras da igreja; O povo de Olhão, a quem repugna a afronta das "fórcas vivas", reunido em comício público no dia 18 do corrente, no Largo da Alfandega, resolve:

1º Protestar por todas as formas ao seu alcance contra os manejos da União dos Interesses Económicos, indo até onde as circunstâncias o permitirem e os acontecimentos o indicarem.

2º Nomear uma comissão composta por três a cinco membros, para ir entregar este documento à autoridade administrativa, para que o faça chegar às mãos do governo.

3º Dar plenos poderes à C. G. T. para declarar, caso as circunstâncias o reclamem, um movimento nacional de defesa contra a ditadura das "fórcas vivas", declarando-se nesta vila desde já a greve geral em princípio.

4º Enviar uma cópia desta moção para a C. G. T. e para o jornal operário *A Batalha*.

5º Reclamar do governo imediatas providências tendentes a debelar a crise de trabalho consoante as reclamações formuladas no antecedente comício.—C.

A afirmação dos descarregadores do Seixal

SEIXAL, 22.—Na assembleia dos descarregadores de mar e terra, que se realizou dia 18 de que nos fazemos é o noturno lugar, foi aprovado um vibrante protesto contra a União dos Interesses Económicos, resolvendo aqueles trabalhadores lançar mão de todos os processos para impedir os seus designios.—E.

O protesto dos rurais de Fronteira

FRONTEIRA, 20.—Com grande concorrência, reuniram na respetiva Associação dos trabalhadores rurais para apreciarem a circular da C. G. T. sobre crise de trabalho e movimento da União dos Interesses Económicos.

Falaram os camaradas Pimentel, Joaquim Romão, João Barroso, Matias Ratado e António Rodrigues. Todos os oradores combateram acremente a obra odiosa da U. I. E., que pretende fazer reviver um passado ignominioso para a classe operária.

Foi aprovado um veemente protesto contra a ditadura em perspectiva.—E.

RESPIGANDO...

Os partidos políticos

A concentração capitalista que, pela criação das sociedades anónimas, determinou o funcionamento de grandes empresas financeiras, industriais, comerciais, agrícolas e de comunicações, opera-se a cada instante. O sindicalismo—por mais que esta afirmação pareça paradoxal—prospera e desenvolve-se na razão directa do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo tanto por essa razão direta do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontrovertível. Vemos que nos